
INTERPRETAR A BÍBLIA AOS CINQUENTA ANOS DO CONCÍLIO VATICANO II

Interpreting the Bible in the fifty years of Vatican Council II

*Johan Konings**

RESUMO: Aos cinquenta anos do Vaticano II recorda-se o caminho que levou até a Constituição *Dei Verbum* e, daí, até a Exortação *Verbum Domini*. Considera-se a questão hermenêutica: a leitura da Bíblia centrada em torno do Evento Jesus e tendo seu “lugar” na vida da Igreja, que herdou o Espírito de Jesus. Como a leitura das Escrituras deve ser a alma da teologia, não se pode separar a crítica histórico-literária da hermenêutica teológica. Esta se inscreve na racionalidade ampliada do ser humano, tendo na mira não as palavras, mas a “coisa”. Unindo o horizonte original do texto ao de hoje, abre-o em diversos níveis e direções, enquanto a exegese histórico-literária segura o sentido primeiro e referencial. Descreve-se a circularidade dessa hermenêutica. Por fim, consideram-se a experiência latino-americana, bem como e a leitura bíblica como alma da pastoral hoje.

PALAVRAS-CHAVE: Dei Verbum, Verbum Domini, Vaticano II, Hermenêutica, Leitura bíblica.

ABSTRACT: Fifty years after Vatican II we remember the way unto the Constitution *Dei Verbum* and from there to the Exhortation *Verbum Domini*. Then is treated the issue of hermeneutics: the lecture of the Bible centred around the Jesus Event and having its “locus” in the life of the Church, heiress of His Spirit. Since Scripture reading must be the soul of Theology, historical-literary criticism cannot be separated from theological hermeneutics. These are inscribed in amplified human rationality, that aims not at the words, but at the “thing”. They unite the original and the today horizon, opening the text in several levels and directions, while historical-literary exegesis warrants the original and referential meaning. Attention is drawn to the circularity of hermeneutics. Finally is lighted the Latin American experience, and Scripture reading as the soul of pastoral praxis today.

KEYWORDS: Dei Verbum, Verbum Domini, Vatican II, Hermeneutics, Bible reading.

* Departamento de Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE, Belo Horizonte (MG). Artigo submetido a avaliação em 13.06.2012 e aprovado para publicação em 16.06.2012.

Muitos, hoje, veem a Bíblia como mero vestígio da ilusão religiosa, ou Mentão, como objeto de conhecimento histórico e cultural, admirável produto literário – o que de fato ela é. Outros, enveredando por uma leitura “fundamentalista”¹, consideram-na palavra direta de Deus, na literalidade do texto. Outros ainda leem a Bíblia projetando nela o que o próprio sentimento, imaginação ou ideologia lhes inspiram. Nenhuma dessas abordagens é a leitura segundo a fé cristã como a entendem o Concílio Vaticano II e os documentos que a ele se seguiram.

1 Aos cinquenta anos do Vaticano II

Pelo fim de 1961, a Constituição *Humanae Salutis* de João XXIII anunciou a convocação do Concílio Vaticano II. O primeiro texto colocado em pauta, em novembro de 1962, foi o esquema sobre as duas fontes da revelação: a Escritura e a Tradição. O texto foi rejeitado por quase dois terços da assembleia conciliar, de modo que o Papa, sabiamente, o retirou e mandou substituir pelo esquema que se tornaria o último a ser votado, em 1965: a Constituição Dogmática *Dei Verbum*, base da interpretação bíblica na Igreja Católica hoje. Pode-se, pois, dizer, que o texto sobre a Revelação foi o Alfa e o Ômega do Concílio!

Na verdade, a “revolução” em torno desse texto não teria sido possível sem o importante documento *Providentissimus Deus* do Papa Leão XIII, de 1893 e, no cinquentário desse, em 1943, a encíclica *Divino Afflante Spiritu* de Pio XII. Depois do Concílio, o documento da Pontifícia Comissão Bíblia de 1993 sobre a leitura da Bíblia na Igreja² celebrou o centenário da *Providentissimus Deus* por um “discurso do método” baseado na *Dei Verbum*, e o Sínodo Pós-Conciliar de 2008 avaliou a recepção da *Dei Verbum*, atualizando-lhe o enfoque e tendo seu resultado assumido na exortação apostólica *Verbum Domini* do Papa Bento XVI, de 2010³.

Não é aqui o lugar de um estudo histórico desses documentos. Esboçaremos, antes, uma reflexão sobre a interpretação da Bíblia no espírito dos referidos documentos, projetando uma compreensão mais explícita do processo hermenêutico.

¹ No sentido generalizado do termo. O sentido específico refere-se aos cinco fundamentos cuja literalidade a crítica bíblica não pode negar, a saber: a inspiração e inerrância da Bíblia, o nascimento virginal de Cristo, a fé na morte de Cristo como nossa reconciliação, a ressurreição corporal de Cristo, a realidade histórica dos milagres de Jesus. Isso foi definido na Conferência Bíblica de Niagara em 1878-1879 e na Assembleia Geral da Igreja Presbiteriana em 1910.

² PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A interpretação da Bíblia na Igreja*. Petrópolis: Vozes, 1994.

³ BENTO XVI, Papa. *Exortação apostólica pós-sinodal Verbum Domini* [...]. 4.ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

2 Ler a Bíblia a partir de Jesus Cristo

Nosso assunto é, antes de tudo, a escuta e interpretação, hoje, da Bíblia no espírito da fé cristã. Esta óptica coloca o foco em Jesus, o Cristo. A leitura cristã da Bíblia se dá a partir de Jesus confessado como o Cristo. Existem, evidentemente, leituras não cristãs da Bíblia, precipuamente, a judaica, que muito enriquece também a nós, cristãos⁴. Porém, o que distingue a leitura cristã é que ela erige em ponto referencial – em “marco zero” – a fé em Jesus como Cristo ou Messias. Lutero ensinou a ler em todas as Escrituras, do Antigo e do Novo Testamento, “was Christum treibt”, aquilo promove o Cristo⁵. Hoje entendemos isso não só em relação ao Cristo presente em nosso íntimo, mas em relação a Jesus de Nazaré, profeta que anunciou a proximidade do Reinado de Deus e o instaurou por sua vida e morte.

A comunidade de fé guardou, nos evangelhos canônicos, o retrato desse judeu que anunciava, de modo inesperado, o tão esperado reinado de Deus. Para ele, o reinado de Deus era a vontade de Deus que devia governar, definitivamente, o mundo. Em sua pregação – especialmente segundo o evangelho de Mateus – Jesus apontava a vontade de Deus pela interpretação da Torá, levando esta à plena compreensão (Mt 5,17-48). Ensinava que “não matar” significa não ferir o irmão pelo desprezo; e “não adulterar”, não olhar com cobiça a mulher do vizinho. Também sua prática era uma interpretação “ao vivo” da tradição de Israel. Interpretava o sábadó em função da vida humana (Mc 2,23–3,6). Resumindo a Torá, fez do amor a Deus e ao próximo a chave da Lei (Mc 12,28-34). Levou ao extremo sua vocação de profeta, acabando rejeitado tanto em Nazaré como em Jerusalém. E assim, confirmando o que anunciaram os profetas antes dele, renovou definitivamente a Aliança de Deus com o povo, selando-a em sua morte sangrenta (Mc 14,22-24). A reconciliação com Deus, que o culto judaico tanto procurava, ele a operou com seu próprio sangue, contado como sacrifício da Nova Aliança (1Jo 1,9; 4,10; Hb 8). Antes disso, deixou em legado o novo mandamento, que é o “antigo” mandamento do amor, novo porém nele e nos que aderem a ele (1Jo 2,7-8).

Para a fé cristã, esse Jesus é um acontecer daquilo que significamos com o termo “Deus”. Ele é “o Filho querido”⁶ de Deus (Mc 1,11; 9,7; 12,6 par.), que chama a Deus de Pai e nos ensina a fazer o mesmo. Segundo a carta de João, ele é o Filho de Deus que “veio na carne” (1Jo 4,2). Segundo a Epístola aos Hebreus, foi igual a todos nós, com exceção do pecado (Hb 4,15). Tão plena

⁴ Cf. *infra*, #5.

⁵ LUTHER, M. *Werke: kritische Gesamtausgabe* [Weimarer Ausgabe], Deutsche Bibel 7384,26.

⁶ Por trás dessa expressão está o conceito do *yahid*, o filho único e muito querido (Isaac).

foi a manifestação de Deus nele que o Evangelho segundo João o chama de “Palavra de Deus”: Ele é Deus que fala e faz, Palavra que “aconteceu” na carne, num existir humano que se afigura como narração viva do Deus invisível – acontecer de Deus no meio de nós (Jo 1,1-18). Sobre essa “encarnação da Palavra de Deus” é que se pauta a leitura bíblica cristã⁷.

Quanto ao termo “Palavra de Deus” cabe lembrar, com o Concílio e o Sínodo, que a Bíblia não é idêntica à palavra de Deus; a palavra de Deus abrange mais que a Bíblia, é analógica⁸. Diz o Salmo 19(18) que a palavra de Deus ressoa na criação. Conforme Hebreus 1,1, ela ressoou nos profetas e, no fim, em Jesus de Nazaré. Para nós, Jesus é a palavra *decisiva* de Deus. A palavra de Deus manifestou-se definitivamente em Jesus Cristo e continua explicitando-se na Tradição viva que dele se origina.

3 *Leitura eclesial*

Segundo o Sínodo de 2008 e a *Verbum Domini* de Bento XVI, de 2010, o lugar originário da interpretação da Escritura é a vida da Igreja como comunidade que herdou o espírito de Jesus Cristo⁹. Formada no ambiente vital das tradições de fé das comunidades, a S. Escritura deve ser lida e interpretada com o mesmo espírito com que foi escrita¹⁰, sendo que o Espírito divino propicia a interpretação autêntica. É por estar dentro da vida eclesial que a interpretação da Bíblia será verdadeira e fecunda para a vida na salvação trazida por Jesus¹¹. A Bíblia foi escrita pelo Povo de Deus e para o Povo de Deus, sob a inspiração do Espírito Santo. Somente na comunhão do Povo de Deus – somente como “nós” – é que podemos entrar no núcleo da verdade que o próprio Deus nos quer mostrar. A Bíblia é a voz do Povo de Deus peregrino, e só na fé desse Povo encontramos a tonalidade certa para compreendê-la¹².

A Bíblia e a tradição viva da fé provêm da mesma nascente¹³. A comunidade cristã reconheceu na Bíblia a expressão originária e privilegiada de sua fé – expressão que, por encontrar-se escrita, está objetivamente à disposição e

⁷ Na realidade, o Sínodo de 2008 e a *Verbum Domini* de Bento XVI tomam por fio condutor o Prólogo de João.

⁸ VDom, n. 7.

⁹ VDom, n. 29.

¹⁰ DV, n. 12.

¹¹ VDom, n. 30.

¹² Cf. PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A interpretação...*, III, C, 1. Existe uma relação entre a vida espiritual e a interpretação da Escritura: “Com o crescimento da vida no Espírito, cresce também no leitor a compreensão das realidades de que fala o texto bíblico”. *Ibid.*, II, A, 2.

¹³ DV, n. 9.

é acessível a todos. As Escrituras cristãs tornaram-se, assim, registro e referência da mesma tradição de fé inicial em que elas têm sua origem. Elas não só incluíram os textos que registram a pregação cristã, mas, como a pregação recorria com frequência às Escrituras de Israel, também estas acabaram por pertencer à Bíblia cristã, especialmente depois do conflito de Marcião¹⁴. Nas gerações pós-apostólicas, a experiência eclesial incrementou a inteligência da fé a respeito da Palavra de Deus, e a leitura das Escrituras no espírito da fé fez crescer a própria vida eclesial, de modo que o Papa Gregório podia dizer: “As palavras divinas crescem juntamente com quem as lê”¹⁵.

4 Leitura histórica e teológico-espiritual

Se a Bíblia se lê “em igreja”, o estudo dos livros sagrados deve ser “como que a alma da sagrada teologia”¹⁶. Da relação fecunda entre exegese e teologia depende a eficácia pastoral da Igreja e a vida espiritual dos fiéis. O realismo da encarnação de Jesus na história humana, testemunhada pelas Escrituras, justifica a insistência tanto no estudo histórico-crítico como na análise literária da Escritura. O fato histórico é uma dimensão constitutiva da fé cristã, a ser estudada com os métodos da investigação histórica, e o desejo de Deus inclui o amor pela palavra em todas as suas dimensões, inclusive o recurso às ciências profanas que nos indicam “as vias rumo à língua”¹⁷.

Já em 1943, na encíclica *Divino afflante Spiritu*, Pio XII se opôs a uma exegese que, dizendo-se mística, limitava a utilidade da exegese científica ao uso apologético, *ad extra*, enquanto a interpretação espiritual serviria para o uso *ad intra*, a alimentação da fé¹⁸. Ao contrário desta concepção, Pio XII sublinha que o que alimenta nossa fé é precisamente a contemplação da Palavra de Deus *encarnada na história*. O mérito de Pio XII consiste não apenas em ter aberto a porta à exegese histórico-literária, que Pio X tinha fechado, mas sobretudo em ter-se preocupado com a exegese total, histórico-literária e teológica –preocupação partilhada pelo Concílio, pelo Sínodo e pela exortação apostólica de Bento XVI.

¹⁴ Explicado adiante, #5.

¹⁵ GREGÓRIO MAGNO, *Homiliae in Ezechielem*, I, IV, 8. In: PATROLOGIAE LATINAE: Sancti Gregorii Papae I cognomento Magni Opera omnia. Paris: J. P. Migne, 1849 1516 p. (Series Latina, 76, Pt. 2), col. 843D.

¹⁶ DV, n. 24; cf. VDom, n. 31.

¹⁷ VDom, n. 33.

¹⁸ Pio XII recusou tal “ruptura entre o humano e o divino, entre a pesquisa científica e a visão da fé, entre o sentido literal e o sentido espiritual”. Cf. JOÃO PAULO II, Papa. Discurso por ocasião do centenário da Providentissimus Deus e do cinquentenário da Divino Afflante Spiritu: AAS 86 (1994) 232-243, col. 235.

Para que a Bíblia seja lida no mesmo espírito em que foi escrita, o Concílio Vaticano II nos indica os critérios¹⁹: ter presente a *unidade de toda a Escritura* (exegese canônica); ter presente, também, a *Tradição viva de toda a Igreja*; e observar a *analogia da fé*, ou seja, a coerência com a fé em sua totalidade. E Bento XVI insiste: para que se possa falar em exegese teológica é mister respeitar os dois níveis metodológicos, que são o histórico-crítico e o teológico²⁰. Esses dois níveis só funcionam em reciprocidade²¹. Se a atividade exegética fica só no nível histórico-crítico, tratando a Escritura como mero texto do passado, não alcança o acontecer da revelação de Deus em sua Palavra transmitida na Tradição viva e na Escritura. “Onde a exegese não é teologia, a Escritura não pode ser a alma da teologia e, vice-versa, onde a teologia não é essencialmente interpretação da Escritura na Igreja, esta teologia já não tem fundamento”²².

Segundo o atual Papa, a unidade dessas duas dimensões pressupõe a *harmonia entre a fé e a razão*²³: uma fé que nunca degenera em fideísmo e leitura fundamentalista, e uma razão que, ao investigar os elementos históricos, se mostre aberta e não recuse *a priori* o que excede sua própria medida. O *sentido literal* e o *sentido espiritual* iluminam-se mutuamente²⁴. É mister procurar a *realidade de fé* que os textos exprimem e ver em que esta realidade se liga com a experiência crente²⁵, descobrir o sentido expresso pelos textos bíblicos “quando lidos sob o influxo do Espírito Santo no contexto do mistério pascal de Cristo e da vida nova que dele resulta” e “reler as Escrituras à luz deste novo contexto, o da vida no Espírito”²⁶. Sem deixar de estudar bem a letra, é preciso transcendê-la, num processo interpretativo não apenas intelectual, mas vital, no seio da vida eclesial enquanto vida segundo o Espírito²⁷.

5 A Palavra única do Deus da Aliança

A Palavra de Deus nas Escrituras é una e única, incluindo inclusive o que foi escrito antes de Jesus Cristo, pois o próprio Cristo e seus discípulos assumiram as Escrituras de Israel. Embora crescida em vários momentos e diversos gêneros literários, durante mais de mil anos, a Palavra bíblica de

¹⁹ DV, n. 12.

²⁰ BENTO XVI, Intervenção na XIV Congregação Geral do Sínodo (14 out. 2008), *Insegnamenti* IV/2 (2008), p. 493.

²¹ VDom, n. 35.

²² BENTO XVI, Intervenção..., *Insegnamenti* IV/2 (2008), p. 493-494.

²³ VDom, n. 36.

²⁴ VDom, n. 37.

²⁵ Cf. PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, *A interpretação...* II, A, 2.

²⁶ *Ibid.*, II, B, 2.

²⁷ VDom, n. 38.

Deus, que interpela nossa vida, é uma²⁸, Palavra da Nova Aliança, que assume as Escrituras antigas e as interpreta como caminho para Cristo. A pessoa de Cristo dá unidade a todas as “Escrituras”, postas em relação com a única “Palavra”²⁹. O próprio Novo Testamento reconhece o Antigo como Palavra de Deus³⁰: implicitamente, quando usa a mesma linguagem e alude a ele; e explicitamente, ao citá-lo para argumentar. Se a raiz do cristianismo se encontra no Antigo Testamento, o Novo proclama que as Escrituras de Israel encontraram seu *cumprimento* no mistério da vida, morte e ressurreição de Cristo –cumprimento este, que implica continuidade e também ruptura³¹. Articulam-se a importância insubstituível do Antigo Testamento e a originalidade da leitura cristológica. Por isso, *os cristãos leem o Antigo Testamento à luz de Cristo* morto e ressuscitado. “O Novo Testamento está oculto no Antigo e o Antigo está patente no Novo”, disse S. Jerônimo³². E *o Novo Testamento requer ser lido à luz do Antigo*, ajudando-nos para isso a compreensão judaica, mais familiarizada com o mundo das antigas Escrituras³³.

Ainda hoje, muitos séculos depois de Marcião, ouve-se, entre fiéis e pastores, a opinião de que o Antigo Testamento está cheio de violência, de que o Deus do Antigo é diferente daquele do Novo. Errado. O Deus da Aliança é o Deus de amor, misericórdia e fidelidade³⁴, que em Cristo se manifesta plenamente (Tit 3,4). A revelação bíblica está radicada na história, e o desígnio de Deus se manifesta progressivamente. A Escritura demonstra imagens imperfeitas de Deus e comportamentos “obscuros” dos homens ao valerem-se de Deus, mas faz-nos ouvir, também, a crítica profética, verdadeira pedagogia da justiça. Assim, reflete a progressiva purificação do olhar sobre Deus que Jesus proporciona. É preciso ver os trechos obscuros da Escritura em seu contexto histórico e literário e na perspectiva cristã, que tem como chave hermenêutica última “o Evangelho e o mandamento novo de Jesus Cristo realizado no mistério pascal”³⁵.

6 A inevitável interpretação

Assim como a composição da Bíblia conheceu a *mediação humana*, também sua leitura e sua escuta acontecem no recinto, por assim dizer, da racionalidade humana. Racionalidade, não como mero exercício da lógica

²⁸ VDom, n. 39.

²⁹ DV, n. 12.

³⁰ VDom, n. 40

³¹ VDom, n. 41.

³² AGOSTINHO, *Quaestiones in Heptateuchum*, 2, 73. In: PATROLOGIAE LATINAE: Sancti Aurelii Augustini Opera omnia. Paris: J. P. Migne, 1887 (Series Latina, 34). v. 34, pt. 3/1, col. 623.

³³ VDom, n. 41.

³⁴ Cf. Sl57,4; 89,3.25; 98,3; 115,1 etc.; Ex 34,6.

³⁵ VDom, n. 42. Observe-se que também o Novo Testamento (p.ex., o Apocalipse) apresenta páginas violentas (a ira divina em Ap 15–16!).

formal, mas, antes, como racionalidade ampla, como intuição do sentido, dando o devido lugar à experiência, ao sentimento, ao belo e ao mistério, no qual a razão percebe seu limite e se abre ao que a transcende. É essa “racionalidade ampla” que entra em ação na interpretação ou hermenêutica bíblica.

Induzidos por certo fundamentalismo, muitos procuram uma leitura “sem interpretação”. Na realidade, tal leitura, apesar da aparência de fidelidade literal, fomenta interpretações subjetivistas e arbitrárias. Segundo o Sínodo, que a rejeitou unanimemente, a leitura fundamentalista, por desconhecer o caráter histórico da revelação bíblica, torna-se incapaz de aceitar plenamente a verdade da Encarnação³⁶. Tratando o texto bíblico como se fosse ditado verbalmente por Deus, desconhece que a Palavra de Deus foi formulada numa fraseologia historicamente condicionada³⁷. Ora, diz o Papa, “o cristianismo divisa nas palavras a Palavra, o próprio *Logos*, que estende o seu mistério através de tal multiplicidade e da realidade de uma história humana”³⁸. A leitura *verdadeiramente crente* da S. Escritura procura descobrir-lhe o significado vivo, a verdade salvífica para a vida do fiel e da Igreja hoje³⁹, sem ignorar a mediação humana.

7 A hermenêutica, arte da interpretação

A hermenêutica é a arte e ciência da interpretação. Mas que entendemos por interpretação? Cada frase significa algo, aponta para algo que se esconde e que só é conhecido como alvo das palavras. Por exemplo, quando a Bíblia diz “Quem põe o cinturão para o combate não se glorie como se já o estivesse tirando” (1Rs 20,11), quer dizer a mesma coisa que o camponês aconselhando a não vender o couro antes de matar o boi. O alvo da significação não são as palavras, mas “a coisa”. As palavras são a mira. A hermenêutica aponta por outros significantes que não os originais (palavras, gestos...) “a coisa” que a mensagem em sua codificação original tem na mira. Mira outramente.

Ora, é preciso distinguir entre *interpretação explicitadora*, *interpretação virtual* e *interpretação extrínseca*. Há interpretações que apenas *explicitam* o que não é dito expressamente no texto, mas que se pode legitimamente subentender: informações geográficas ou históricas, por exemplo, quando se explicita a localização de Bezata (cf. Jo 5,1-2) ou de Siloé (cf. Jo 9,7), a prática

³⁶ Cf. VDom, n. 44.

³⁷ Cf. PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, *A interpretação...* I, F.

³⁸ BENTO XVI, Discurso aos homens de cultura no “Collège des Bernardins” de Paris (12 set. 2008): AAS 100 (2008), col. 726.

³⁹ DV, n. 11.

do *qorban* em Marcos 7,10 etc.; ou quando se explica literariamente os jogos de palavras ou duplos sentidos utilizados pelo autor, por exemplo, o “nascer de novo” em Jo 3,3.5; ou ainda, quando se traz à luz a teologia subjacente do autor, por exemplo, no caso da Lei no evangelho de Mateus (cf. Mt 5,17-20). Tais interpretações podem gerar discussão quanto à sua exatidão *de facto*, mas não suscitam problema epistemológico. São perfeitamente aceitas na disciplina científica.

Problema epistemológico pode surgir em torno da segunda categoria, que eu chamo de *interpretação virtual*. Esta projeta, a partir do texto, algo que não se pode apontar como inerente a ele, mas que está em sua continuidade. Vale apontar certa analogia com a geometria: uma linha reta, projetada no infinito, pode ser pensada como um círculo; ou duas linhas paralelas, projetadas no infinito, podem ser pensadas como se cruzando no infinito, e a geometria descritiva oferece até a fórmula para calcular sua trajetória! Este tipo de interpretação é o que Ricoeur chama “o que o texto dá a pensar”. Parece-me que é isso que o Papa Bento XVI tem na mira quando fala de um nível teológico-espiritual na interpretação do texto. Ele mesmo dá o exemplo disso nos seus livros sobre Jesus⁴⁰.

Ora, há um terceiro tipo de interpretação, que eu chamo de *extrínseco* e que não está na continuidade do texto, ficando alheio ao mundo e ao espírito do texto. Isso acontece amiúde quando se utiliza algum texto como prova para determinada doutrina ou prática que se quer impor (os *dicta probantia*). Assim, a doutrina medieval das duas espadas expressada pelo Papa Bonifácio VIII a partir do texto de Lc 22,38: “Uma e outra, a espada espiritual e a temporal, estão em poder da Igreja, mas esta é usada em prol da Igreja, aquela, ao invés, pela Igreja”⁴¹. Sem chegar ao absurdo desse exemplo, o uso dos *dicta probantia* na teologia peca, muitas vezes, por semelhante extrinsecismo⁴².

A hermenêutica do sentido virtual *aplica a referência do sentido antigo às coisas novas*, supondo a continuidade, a percepção de estarmos em comunidade com os que nos antecederam, de não estarmos reinventando a roda, mas adaptando-a a novos caminhos a percorrer... E, ao mesmo tempo, ela

⁴⁰ BENTO XVI, Papa. *Jesus de Nazaré*: primeira parte: do batismo no Jordão à transfiguração. São Paulo: Planeta, 2007; ____ *Jesus de Nazaré*: da entrada em Jerusalém até a ressurreição. São Paulo: Planeta, 2011.

⁴¹ Bula *Unam Sanctam*, D-H 873.

⁴² Assim, frequentemente, o uso dos argumentos bíblicos na teologia escolástica, em meio aos da razão, do Magistério, dos Santos Padres e dos teólogos (e, teoricamente, também o *sensus fidelium*). Mesmo o Catecismo da Igreja Católica pós-Vaticano II dá às vezes essa impressão, quando constrói sua argumentação concatenando citações de diversas fontes bíblicas sem evidenciar o contexto próprio desses textos. Assim, por exemplo, quando fala da “criação”, cf. CATECISMO da Igreja Católica. Ed. Típica Vaticana. São Paulo: Loyola, 1999, nn. 279ss.

dá o sentido do novo às coisas antigas, enriquecendo-lhes a força significadora. Exemplos disso vemos na restauração litúrgica da vigília pascal e na redescoberta da Bíblia na liturgia, na catequese renovada e na leitura que encara os problemas de hoje.

Como a *circunstância* em que acontece a pregação hoje nunca existiu anteriormente, a primeira exigência de uma boa hermenêutica é compreender esse mundo de hoje e, pensando nele, tentar intuir o sentido da palavra transmitida. Por exemplo: qual é a percepção escondida que suscita em mim a frase de Paulo: “Fostes chamados para a liberdade, porém não façais da liberdade um pretexto para servirdes à carne, mas pela caridade tornai-vos escravos uns dos outros” (Gl 5,13). Para perceber o sentido desta frase para nós hoje devo situá-la tanto no mundo de Paulo – mundo dos hebreus libertos da escravidão do Egito e dos escravos do Império Romano – quanto no meu mundo – mundo da ilusão da liberdade irrestrita e irresponsável, mas também da libertação dos oprimidos pelo empenho de minha vida. Sou convidado a fundir, de acordo com o pensamento de Gadamer⁴³, num único horizonte, os dois mundos e perceber como essa frase de Paulo aponta, nos dois, um alvo comum.

A mira *última* da hermenêutica não é nem o que o autor quis dizer, nem o que o texto está dizendo, mas o que o texto, mediante a leitura e o leitor, leva a vida a dizer⁴⁴.

8 O sentido literal em corte diacrônico e sincrônico

Em se tratando da *interpretação fiel* da Bíblia, deve-se falar em primeiro lugar do sentido literal ou histórico, o *sentido primeiro*, o sentido dentro do mundo do texto e do leitor original. Ao dizer isso, distancio-me dos hiper-racionalistas, que menosprezam o sentido literal da Bíblia por não corresponder à verdade histórica; e dos fundamentalistas, que proclamam a literalidade sem interpretação para se valer da infalibilidade de Deus.

O sentido primeiro é aquele que brota da comunicação entre o escritor e seus destinatários primeiros. No caso da Bíblia, esse sentido não provém de um ditado divino verbal, mas da percepção da realidade à luz do Espírito de

⁴³ Cf. GADAMER, H.-G. *Verdade e método II: complementos e índice*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 70; CROATTO, J. Severino. *Hermenêutica bíblica: para uma teoria de la lectura como producción de sentido*. Buenos Aires: Aurora, 1984, p. 57.

⁴⁴ Trata-se de um sentido virtual do texto, atualizado pela “conversa” sobre a vida que Deus “puxa” conosco na Bíblia. Pois o assunto da Bíblia não é a palavra de Deus, mas a vida. A palavra de Deus é seu ato de falar, que se dá definitivamente no homem Jesus de Nazaré; o foco da conversa, porém, é a vida que ele nos deu. Cf. KONINGS, J. *A Bíblia, sua origem e sua leitura*. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 224.

Deus. Assim, o sentido chamado literal é, na realidade, o sentido produzido numa atividade literária iluminada pelo Espírito de Deus, que sopra na história e na comunidade iluminada pelo mesmo Espírito.

Não é um sentido a ser tomado “ao pé da letra”, pois como verdadeiros criadores, diz Pio XII, os autores usam dos mais diversos gêneros literários⁴⁵. Segundo os evangelhos, o próprio Jesus falava em parábolas cheias de poesia (os lírios do campo), usava exageros tão expressivos quanto irreais (se teu olho direito te escandaliza..., quem chama seu irmão de louco..., é mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha..., fé que desloca montanhas...), tratava seus adversários em termos politicamente incorretíssimos (sepulcros caiados...) e usava as Escrituras de Israel num sentido reinterpretado, o qual então se tornava o sentido literário-literal de sua mensagem⁴⁶. Segundo os evangelhos, Jesus praticou a tipologia ao interpretar o servo de Isaías 53 como expressão de seu próprio dom da vida pelos muitos (Mc 10,45); e ao ressignificar o sacrifício da Aliança de Êxodo 24 no sentido de seu próprio sangue a ser derramado na cruz (Mc 14,22-24). Foi uma exegese desse tipo que esclareceu aos discípulos de Emaús “tudo o que em todas as Escrituras estava escrito a respeito dele” (Lc 24,27; cf. 24,44.46.).

Em outros termos, é preciso considerar em primeira instância o sentido que chamamos de histórico-literário: o sentido que, em determinado contexto *histórico*, “se deu” como acontecer *literário* entre o autor e o leitor/ouvinte originário. Os dois termos são fundamentais e inseparáveis: o contexto histórico e a forma literária. Tendo claro, evidentemente, que a Bíblia, na leitura cristã, não é nem livro de estudo histórico-científico, nem antologia literária, mas testemunho de fé, mensagem a respeito da salvação que Deus nos apresenta em Jesus Cristo. Mensagem que tem seu foco central em Jesus, mas que, mediante tipologias, testemunhos, sentidos plenos, “dá carona” à memória escriturada de Israel, sem a qual nem podemos entender o sentido primeiro que Jesus e seus discípulos quiseram expressar⁴⁷.

Para esclarecer essa relação entre a dimensão histórica e a literária, cabe aqui uma palavra sobre a atenção que receberam, ultimamente, a análise narrativa e retórica. Por causa das dúvidas levantadas, na Modernidade, quanto à exatidão factual dos ditos e feitos, bem como das autorias tradicionalmente reconhecidas dos escritos bíblicos, deu-se muita importância à

⁴⁵ *Divino afflante Spiritu*, nn. 314-315. D-H 3829-3830.

⁴⁶ Por exemplo, ao aplicar aos fariseus e os escribas as palavras de Is 29,13, originalmente dirigidas a outro público (Mc 7,6-7); ou a si mesmo, as palavras de Sl 118,22-23, que exaltavam a salvação do piedoso de Israel (Mc 12,10-11). Ou quando interpreta a expressão “uma só carne” no sentido da inseparabilidade matrimonial (Mc 10,7, cf. Gn 2,24). Em Mateus e João tais exemplos são mais frequentes, mas isso se deve em parte ao trabalho dos respectivos evangelistas.

⁴⁷ Cf. supra, ## 2 e 5.

verificação histórico-factual, quase como condição para a fé (como Tomé, que queria ver para crer). Ultimamente, porém, percebe-se que o texto exprime a verdade “para nossa salvação”⁴⁸ não em primeiro lugar pela exatidão histórica, mas pela poesia, tipologia, simbologia... Uma coisa é o fato ocorrido, difícil de reconstituir com certeza, outra coisa é a narração que realça o sentido da fé. Se podemos, e devemos, distinguir entre o fato narrado e a narração que nos é transmitida como testemunho original da fé, não podemos separá-los. Acreditamos nos fatos testemunhados *como acontecer de nossa salvação*, acontecer de Deus-conosco em Jesus de Nazaré. Coisa semelhante pode-se dizer a respeito da dimensão discursiva, que nos apresenta as palavras de Jesus e dos “atores coadjuvantes” com a intenção de testemunhar a fé e a salvação em Cristo.

Se, assim, a expressão literária ultrapassa o mero dado histórico, ela se ultrapassa também a si mesma: ela ganha uma vida própria, capaz de ultrapassar seu momento histórico original e de falar para novos momentos e espaços.

9 O sentido ampliado, ou “espiritual”

Acontece, assim, uma ampliação de sentido. O texto ganhou vida própria, porém, não totalmente autônoma. Continua sendo, ao mesmo tempo em que se amplia, o texto do acontecer histórico e da fé original de uma comunidade. O sentido ampliado, atualizado conforme novos tempos e espaços, pode ser chamado de sentido “espiritual”, porque concebido no Espírito que sopra na comunidade de fé – não, porém, “espiritualizante”, no sentido de se descolar da realidade material e histórica, levantando voo incontrolável.

A ampliação ou “abertura” do sentido original acontece por diversas razões e em diversas direções. Faz o texto falar para nós hoje. Pode-se mostrar a analogia entre as situações bíblicas e as de hoje, entre a escravidão dos hebreus no Egito e a desapropriação do trabalho hoje; entre o exílio babilônico e a exclusão hoje; entre o empobrecimento dos camponeses no Império Romano e a situação dos “campesinos” hoje. Tais atualizações são perfeitamente válidas, desde que não deformem o sentido original, como facilmente ocorre quando se pretende encontrar, *em frases isoladas*, uma mensagem pessoal ou até um dogma eterno. Muitos textos do Antigo Testamento ou mesmo do Novo – o Apocalipse – não são nada edificantes, isoladamente! O entendimento histórico-literário supera esse escândalo, mostrando que são traços culturais que a mensagem, quando percebida em seu horizonte total, ultrapassa. Mas quem não tem essa percepção inventa, para salvar a

⁴⁸ DV, n. 11.

letra, sentidos sem continuidade com o sentido original. Aqui cabe o bom senso: o senso da totalidade e das proporções.

O próprio Novo Testamento amplia o sentido do Antigo, quando uma figura antiga é considerada prefiguração do novo que se apresenta em Cristo: por exemplo, a figura de Melquisedec em Hebreus 7. É o que faz Paulo em Gálatas 4,21-31, quando vê na escrava árabe, Agar, a imagem do judaísmo e na mulher livre, Sara, a imagem do novo povo de Deus, livre da escravidão legalista. Tais interpretações, embora surpreendentes, traduzem o espírito de nossa fé, são verdadeiro sentido espiritual. Do mesmo modo, os Santos Padres, conscientes da totalidade da fé, viram nos textos obscuros do Antigo Testamento um sentido simbólico, alegórico ou moral. O “inimigo” de que falavam os textos guerreiros do Antigo Testamento era então o diabo; as verdes pastagens, o céu... Não é o sentido primeiro do texto, mas é um sentido que este pode suscitar no conjunto da fé. Assim, os sentidos que Hebreus, Gálatas, os Santos Padres atribuem a temas do Antigo Testamento têm seu lugar na compreensão total da fé, a “analogia da fé”, a percepção da salvação em Cristo.

Ora, para não cair em manipulação do texto – como Bonifácio VIII no caso das duas espadas – importa nunca largar de mão o sentido primeiro, e esse segurar o sentido primeiro é o serviço – o ministério – que os exegetas prestam dentro da comunidade de fé. Quando, a partir de uma saliência na Serra da Piedade, se admira o amplo e belo horizonte que se abre por sobre a baixada, convém segurar uma árvore na beirada! Interpretações sem arimo acontecem, hoje, quando se usam textos isolados para dar autoridade divina a práticas que recorrem à letra da Bíblia, mas não ao espírito de Cristo. Assim o uso fundamentalista⁴⁹ dos textos sobre o dízimo para tirar o dinheiro do bolso dos pobres, enquanto Jesus só menciona o dízimo ao criticar a hipocrisia dos fariseus⁵⁰ e o Novo Testamento fundamenta a partilha não sobre o dízimo judaico, mas sobre o *ethos* da comunhão fraterna⁵¹.

10 A circularidade hermenêutica

Como, então, fazer com que o texto tenha para nós hoje um sentido que esteja em continuidade e seja coerente com seu significado de origem? Para esse efeito é preciso sempre voltar à origem, estabelecendo circularidade entre o texto antigo e o “interesse” novo. Trata-se de um círculo “dialogal”. Ler a Bíblia é dialogar com a Bíblia sobre a vida. Acentuando a prioridade

⁴⁹ Fundamentalista no sentido amplo, cf. acima, nota 1.

⁵⁰ Mt 23,23 = Lc 11,42; cf. Lc18,12.

⁵¹ Atos 2,42-45; 4,32-35.

da Palavra de Deus transmitida, podemos dizer que a Bíblia puxa conversa conosco sobre a vida⁵². O problema é que a Bíblia está distante no tempo e no espaço⁵³. Como, então, fechar o círculo com o sentido de origem?

O círculo hermenêutico é na realidade uma espiral⁵⁴ que, penetrando na matéria como um saca-rolhas na rolha, mostra a relevância do sentido original em sempre novos contextos e novas releituras. Esse movimento assemelha-se a um vai-e-vem entre dois pólos, seguindo, entretanto, um vetor progressivo: constitui-se num movimento ao mesmo tempo circular e progressivo.

Essa circularidade tem diversos aspectos. Em primeiro lugar, o círculo do presente e do passado. Na leitura bíblica constitui-se uma roda de conversa com as gerações antes de nós e, mesmo, antes de Cristo. Quando Mateus comparou o escriba cristão ao “pai de família que tira de seus guardados coisas novas e antigas” (Mt 13,52), referia-se à compreensão da tradição da Lei de Moisés dentro da nova vivência empostada a partir de Jesus. Nós hoje podemos aplicar essas palavras a toda a interpretação criativa da verdadeira Tradição. Essa circulação entre o presente e o passado produz uma sedimentação comparável aos anéis num tronco de árvore. A primitiva coleção dos ditos de Jesus conservada na “Quelle”⁵⁵ apresentava-o como rabino sábio e profeta apocalíptico. Marcos o viu como o Messias diferente, em cuja morte se revela a verdadeira missão do Filho do Homem, que é o Filho-Servo de Deus. Mateus une as duas interpretações numa síntese de espírito judeu-cristão e Lucas, num anúncio universal para o mundo de então. João, finalmente, mediante o simbolismo, eleva a tradição original a uma mensagem que transcende tempos e culturas. E na tradição ulterior, os anéis continuaram a acumular-se.

Outro círculo é o da parte e do conjunto. A parte entende-se no conjunto, e o conjunto, a partir das partes. Como vimos acima, o distanciamento crítico a respeito do dízimo, nos evangelhos, entende-se melhor a partir do livro de Atos, que propõe como referência a partilha fraterna; mas a partilha revela-se como prática da (nova) Aliança sobre o pano de fundo daquilo que Levítico diz a respeito do dízimo. Essa circularidade da parte e do conjunto se percebe de modo especial na questão do cânon. Se se exclui tudo o que é judaico, como queria Marcião, Jesus perde o espaço de sua encarnação, e

⁵² Cf. supra, nota 44.

⁵³ Sobre a distância, cf. CROATTO, J. S. *Hermeneutica bíblica* (o.c.), p. 41; GADAMER, H.-G. *Verdade e Método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 385-396.

⁵⁴ A expressão é usada por OSBORNE, G. R. *A espiral hermenêutica: uma nova abordagem à interpretação bíblica*. São Paulo: Vida Nova, 2009.

⁵⁵ A (*Logien*)*quelle* ou Fonte dos Ditos de Jesus, reconstruído hipoteticamente a partir da comparação dos evangelhos sinópticos (ditos comuns de Mt e Lc, porém ausentes de Mc).

abre-se o caminho para uma gnose a-histórica. Se, porém, se aceita o cânon completo, com as Escrituras de Israel, inclusive os deuterocanônicos, Cristo ganha precedentes sapienciais que aumentam a compreensão de sua encarnação⁵⁶.

Há, ainda, o círculo do indivíduo e da comunidade. Eu posso entender a Bíblia como quero, mas se pretendo entendê-la como membro de uma comunidade devo entrar em diálogo com o entendimento dos outros. O denominador comum é *a fé da Igreja*, mas esta só é relevante quando cada verdadeiro fiel assume a sua fé.

Cito, por último, mas não menos importante, o círculo do texto e da práxis. A compreensão se revela na prática. Compreende o livrinho de instruções do carro quem sabe dirigir. O espírito de Cristo mostra ser compreendido quando produz os frutos do Espírito (Gl 5,22). Mas a prática desses frutos me leva a contemplar cada vez de novo tudo o que Cristo disse e fez, para enfrentar com mais fruto desafios novos e diferentes. Diferentes, inclusive, por causa da própria transformação que os frutos do Espírito causaram. Assim, a prática da justiça e da fraternidade hoje abre novas compreensões da leitura bíblica, e estas novas compreensões, por sua vez, geram práticas mais aprofundadas no sentido humano e cristão.

Ora, para que haja coerência com o sentido fundacional, a espiral da interpretação não pode escapar de seu eixo central, que acima definimos como o princípio cristocêntrico, “aquilo que promove o Cristo”. Por isso a teologia tem de sempre voltar às suas expressões geradoras, consignadas nas Escrituras, que têm no Novo Testamento sua chave de interpretação. A distanciação, que é “mãe da interpretação”⁵⁷, não justifica o escapar ou saltar-se da perspectiva implantada desde o sentido primeiro. O sentido “hermenêutico” deve sempre ser aferido ao sentido histórico-literário, o sentido primeiro. Este, porém, atrai nossa atenção e interesse por causa da interpretação atual, sua relevância hoje. Por isso, o exegeta, guardião do sentido primeiro, deve ser também hermeneuta, e vice-versa.

11 Sobre a “leitura bíblica latino-americana”

E que dizer sobre a leitura bíblica latino-americana hoje? Ao falar nisso, pensa-se em primeiro lugar na leitura bíblica praticada no âmbito da teologia da libertação, das comunidades eclesiais de base (CEBs), do Centro de

⁵⁶ A exclusão, em algumas igrejas, dos livros deuterocanônicos (também chamados, inadequadamente, de apócrifos) foi um erro histórico, por não se ter levado em consideração que os primeiros cristãos liam o Antigo Testamento na forma grega, que continha esses livros.

⁵⁷ Cf. supra, nota 53.

Estudos Bíblicos (CEBI), da Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana (RIBLA)... Mas há também a leitura praticada no ambiente carismático latino-americano, além de outras leituras que menos saltam à vista. Aquilo que certos teólogos consideram pouco “latino-americano”, por causa de influências “globais”, não deixa de ser latino-americano também! Restringir a qualificação de “latino-americano” à linha da teologia da libertação induz o risco de deixar à margem da compreensão teológico-pastoral grande parcela dos cristãos deste subcontinente, sobretudo no âmbito urbano.

Quanto à linha da teologia da libertação, podemos dizer que, nas assembleias de Medellín e de Puebla, o episcopado latino-americano propôs a leitura da Bíblia na perspectiva da opção pelos pobres. Isso é fundamental, pois corresponde plenamente à solidariedade de Jesus com os pobres e à “inversão escatológica” do reinado de Deus: não a riqueza e o poder são sinais do agrado de Deus, como supõe o pensamento da retribuição terrena, e sim a justiça, a caridade fraterna, a solidariedade com os mais pequeninos. Os últimos serão os primeiros. Tal óptica corresponde à “com-paixão” do Crucificado com os crucificados de nossa sociedade estruturalmente cruel⁵⁸.

Também a leitura carismática, ou melhor, pneumática⁵⁹, pode alegar fidelidade às origens, pois Jesus e os seus mensageiros da primeira hora eram impelidos pelo Espírito. É no Espírito do Cristo que proclamamos o senhorio daquele que veio na carne e morreu por causa de sua atuação na realidade histórica. E se algumas formas do carismatismo esquecem a encarnação do Espírito na *carne* de Jesus e da história, ou até se entregam à teologia da prosperidade, temos aí uma razão a mais para aprofundar a leitura verdadeiramente pneumática, por exemplo, na tradicional *lectio divina*⁶⁰, que nos ensina a ver a nossa realidade com o ouvido voltado para a Palavra de Deus, movidos por seu Espírito, invocado na oração, e deixando-nos elevar até a contemplação de seu Mistério.

Poderíamos falar de outras leituras, por exemplo, a psicológica, muito útil em tempos de despersonalização como o que estamos vivendo. Ou a leitura feminista, relevante em nossa sociedade ao mesmo tempo arcaicamente patriarcal e modernamente exploradora do feminino como objeto de desejo. A exigência é sempre a mesma: continuidade e coerência com o que Jesus viveu no meio de nós, “o que promove o Cristo”.

⁵⁸ Cf. BOFF, L. *Princípio de compaixão e cuidado*. 2. ed. Petropolis: Vozes, 2001; SOBRINO, J. *O princípio misericórdia: descer da cruz os povos crucificados*. Petropolis: Vozes, 1994.

⁵⁹ O *pneuma* é mais importante que os *kharismata*!

⁶⁰ VDom, nn.86-87; KONINGS, J., *A Bíblia...*, p. 210-213 (#10.5).

12 Para a prática

Os efeitos revelam o sentido. Por isso, o Sínodo e o Papa convidam a escutar quem viveu verdadeiramente a Palavra de Deus: os santos⁶¹. Cada santo constitui como que um raio de luz brotando da Palavra de Deus⁶². Já em Israel, Deus se servia dos gestos e da vida dos profetas para transmitir sua mensagem⁶³. A própria vida de Jesus é uma exegese das Escrituras, sobretudo a respeito do Servo de Deus⁶⁴. O Espírito Santo que inspirou os autores sagrados é o mesmo que anima os santos a darem a vida pelo Evangelho. Entrar em sua escola constitui um caminho seguro para efetuar uma hermenêutica viva e eficaz da Palavra de Deus. E o mesmo se diga a respeito dos santos desconhecidos que vivem no meio de nosso povo simples: neles transborda o “espírito” da leitura bíblica. Que sejam ouvidos.

Um meio seguro para fazer uma hermenêutica realmente cristã é a coerência com o *ethos* e com a mística da Tradição viva na comunidade cristã. Estas duas dimensões, ética e mística, encarnam o “espírito” da comunidade cristã, Espírito Santo, sopro de Deus que faz a comunidade viver, Espírito que Jesus nos deixou para continuarmos a sua obra.

A mística cristã não é um mero contemplar as aves do céu, nem meditação transcendental levando ao nirvana, mas visão de Deus em Jesus, de acordo com sua palavra na hora de doar sua vida até o fim: “Quem me viu, viu o Pai” (Jo 14,9). Esta *visão* é o centro da celebração cristã, a Eucaristia, em que se torna presente o Cristo-Palavra e o Cristo-Dom da vida. A celebração da Palavra unida à Eucaristia é a melhor hermenêutica das Escrituras, disse o Papa durante o Sínodo⁶⁵ – e é uma pena que, em consequência do problema ministerial, muitas comunidades devem contentar-se com a celebração da Palavra sem a Eucaristia. A celebração da Palavra e a Eucaristia trazem presente o mesmo mistério da salvação em Cristo. Na leitura do Evangelho – contextualizado na tradição de Israel⁶⁶ – chega até nós a palavra de Jesus. E o que esta palavra ensina, Jesus o confirma pelo dom de sua própria vida por amor e fidelidade, que rememoramos no momento eucarístico. Eis o cume da mística cristã, em que a Nova Aliança, plenitude da Antiga, revela seu sentido vital.

Por outro lado, nosso “hoje cristão” é construído por nosso *ethos*, nosso modo de viver e de proceder, *ethos* da partilha e da opção pelos últimos,

⁶¹ VDom, n. 48.

⁶² VDom, n. 49.

⁶³ Is 20; Jr 16,19; 19,1-15; 31,1-15; Ez 3,22-27; 12,1-20; Os 1,3-9 etc.

⁶⁴ Cf. supra, # 2 (e 5).

⁶⁵ Cf. VDom, n. 54-55.

⁶⁶ Daí a importância da 1ª leitura na liturgia dominical, que, especialmente nos domingos comuns, evoca o “mundo” da linguagem que vem à tona no evangelho.

que, segundo Cristo, são os primeiros. Nossa busca “da” justiça proposta pelo Sermão da Montanha (não apenas “de” justiça) não visa a uma justiça mesquinha e cobradora, mas à justiça do Reinado de Deus, criativa e renovadora, congregando todos os filhos de Deus no amor e na felicidade definitiva⁶⁷. Esta *pré-ocupação* do Reino – “buscai primeiro o Reino de Deus e sua justiça” (Mt 6,33) – nos ajuda a encarnar na prática aquilo que escutamos nos textos acerca de Jesus e de seu povo.

O Sínodo e o Papa desejam não apenas que a S. Escritura seja a alma do estudo da teologia, mas da própria pastoral: que a pastoral bíblica não seja uma pastoral ao lado das outras, mas que toda a pastoral seja bíblica⁶⁸. A chave para isso parece-me estar na liturgia e na catequese, a qual não deve ser uma teologia simplificada, mas uma iniciação ao mistério cristão⁶⁹. Seja dado o devido peso às celebrações da Palavra e da Eucaristia. Alimentem-se os fiéis na *farta* mesa da Palavra oferecida pela liturgia dominical e pelas outras celebrações sacramentais⁷⁰. E espera-se que aquele que preside explique os textos no espírito em que foram concebidos e com o olhar aberto para a vida e o mundo de hoje. Que os leitores e os ouvintes se deixem penetrar pelo evangelho e por aquilo que, em todas as Escrituras, faz Cristo crescer em nós.

A hermenêutica cristã nasceu da pregação, e foi para a pregação que as Universidades, no século XIX, criaram a disciplina de Hermenêutica. No fim do século XX, a hermenêutica saiu do recinto eclesial e generalizou-se no âmbito do saber universitário, mas a Igreja não deve esquecer que a hermenêutica foi cultivada em função da pregação e da vivência da fé cristã, levando em consideração os acentos próprios de cada denominação. Sejam, portanto, incentivados os cursos de Hermenêutica, Homilética e Catequética, para que as interpretações apresentadas nesses âmbitos sejam conscientes de sua origem e fiéis ao momento fundacional, registrado nas Escrituras cristãs, que guardaram a pregação de Cristo e dos Apóstolos e acolheram as Escrituras de Israel.

⁶⁷ Muitas traduções erram traduzindo Mt 5,6 como “fome e sede de justiça”; o grego usa o artigo definido, “da justiça”, porque não se trata de uma justiça qualquer, mas daquela específica que não é outra coisa senão a vontade de Deus ou o projeto de seu Reinado.

⁶⁸ VDom, n. 73.

⁶⁹ Muitos católicos nunca foram realmente iniciados na vivência da fé cristã, e ultimamente acresce a isso a ruptura na transmissão da fé e o advento de uma geração que não possui mais o “pressuposto cristão”. — Cf., neste sentido, obras recentes de autores como Denis Villedieu, André Fossion; também KONINGS, J. *Ser cristão: fé e prática*. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 13-17.

⁷⁰ Cf. SC, n. 51.

Siglas

AAS = Acta Apostolici Sedis (Cidade do Vaticano) http://www.vatican.va/archive/aas/index_sp.htm

D-H = DENZINGER, Heinrich. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral* [a/c P. Hünermann]. São Paulo: Loyola, 2007.

DV = CONCÍLIO VATICANO II. Constituição dogmática *Dei Verbum*. In: COMPÊNDIO do Vaticano II: constituições, decretos, declarações. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1968.

SC = Constituição *Sacrosanctum Concilium*. In: COMPÊNDIO do Vaticano II: constituições, decretos, declarações. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1968.

VDom = BENTO XVI, Papa. *Exortação apostólica pós-sinodal Verbum Domini* [...]. 4.ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

Referências

BENTO XVI, Papa. Discurso aos homens de cultura no “Collège des Bernardins” de Paris (12 set. 2008): AAS 100 (2008).

_____. Intervenção na XIV Congregação Geral do Sínodo (14 out. 2008), *Insegnamenti* IV/2 (2008).

_____. *Jesus de Nazaré: da entrada em Jerusalém até a ressurreição*. São Paulo: Planeta, 2011

_____. *Jesus de Nazaré: primeira parte: do batismo no Jordão à transfiguração*. São Paulo: Planeta, 2007

BOFF, Leonardo. *Princípio de compaixão e cuidado*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

CATECISMO da Igreja Católica. Ed. típica vaticana. São Paulo: Loyola, 1999

CROATTO, J. Severino. *Hermeneutica bíblica: para uma teoria de la lectura como producción de sentido*. Buenos Aires: Aurora, 1984.

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. *Verdade e método II: complementos e índice*. Petrópolis: Vozes, 2002.

JOÃO PAULO II, Papa. Discurso por ocasião do centenário da Providentissimus Deus e do cinquentenário da DivinoAfflanteSpiritu: AAS 86 (1994) 232-243.

KONINGS, Johan. *A Bíblia, sua origem e sua leitura*. 7.ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

_____. *Ser cristão: fé e prática*. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

LUTHER, Martin. *Werke*: kritische Gesamtausgabe [Weimarer Ausgabe]. Weimar: Metzler.

OSBORNE, Grant R. *A espiral hermenêutica*: uma nova abordagem à interpretação bíblica. São Paulo: Vida Nova, 2009.

PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A interpretação da Bíblia na Igreja*. Petrópolis: Vozes, 1994.

SOBRINO, Jon. *O princípio misericórdia* : descer da cruz os povos crucificados. Petrópolis: Vozes, 1994.

Johan Konings, belga, Doutor em Teologia pela Katholieke Universiteit Leuven, lecionou Exegese Bíblica em Porto Alegre (PUCRS) e no Rio de Janeiro (PUCRJ), tornando-se, desde 1986, professor de Novo Testamento na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE) em Belo Horizonte-MG. Organizou a Tradução Ecumênica da Bíblia (1994), a Tradução da Bíblia da CNBB (2001) e a tradução do Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral (Denzinger-Hünemann) (2007). Participou como perito na XII Assembléia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos em Roma (2008). Principais publicações: *Liturgia dominical*: mistério de Cristo e formação dos fiéis, anos A-B-C. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 2009. *Ser cristão*: fé e prática. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 2011. *Evangelho segundo João*: amor e fidelidade. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2005. *A Palavra se fez livro*. São Paulo: Loyola, 4. ed. 2010. *A Bíblia, sua origem e sua leitura*: introdução ao estudo da Bíblia. 7.ed. atualizada. Petrópolis: Vozes, 2011.

Endereço: Av. Dr. Cristiano Guimarães, 2127 - Planalto
CEP 31720-300 *Belo Horizonte* – MG
Tel.: +55 (31) 3115-7018.